

VOL IV

# POR PALAVRAS E GESTOS

## A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida  
Mauriceia Silva de Paula Vieira  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2021

VOL IV

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida  
Mauriceia Silva de Paula Vieira  
(Organizadoras)



**EDITORA  
ARTEMIS**  
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

#### **Editora Chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

#### **Editora Executiva**

M.<sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin

#### **Direção de Arte**

M.<sup>a</sup> Bruna Bejarano

#### **Diagramação**

Elisângela Abreu

#### **Revisão**

Os autores

#### **Organizadoras**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patricia Vasconcelos Almeida

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mauriceia Silva de Paula Vieira

#### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros





Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt\_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



EDITORA  
ARTEMIS

2021

Editora Artemis

Curitiba-PR Brasil

[www.editoraartemis.com.br](http://www.editoraartemis.com.br)

e-mail: [publicar@editoraartemis.com.br](mailto:publicar@editoraartemis.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida  
Mauriceia Silva de Paula Vieira

## SUMÁRIO

### PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi  
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt\_2901212791

#### **CAPÍTULO 2..... 14**

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt\_2901212792

#### **CAPÍTULO 3.....25**

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan  
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt\_2901212793

#### **CAPÍTULO 4 .....38**

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira  
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt\_2901212794

#### **CAPÍTULO 5.....53**

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt\_2901212795

#### **CAPÍTULO 6 .....62**

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas  
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt\_2901212796

**CAPÍTULO 7..... 74**

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2901212797**

**CAPÍTULO 8.....86**

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISTO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2901212798**

**PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES**

**CAPÍTULO 9 .....96**

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2901212799**

**CAPÍTULO 10.....110**

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29012127910**

**CAPÍTULO 11..... 123**

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29012127911**

**CAPÍTULO 12..... 138**

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29012127912**

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....   | <b>151</b> |
| LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA                                      |            |
| <a href="#">Saúl Mauricio Niveyro Linares</a>  |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127913</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....   | <b>165</b> |
| NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS  |            |
| <a href="#">Maria do Céu Caetano</a>   |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127914</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....   | <b>175</b> |
| APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO     |            |
| <a href="#">Vera Vasilévski</a>  |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127915</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....   | <b>192</b> |
| UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA |            |
| <a href="#">Bruna Moreira de Souza</a>   |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127916</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....   | <b>205</b> |
| DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA                                      |            |
| <a href="#">Lícia Maria Bahia Heine</a>  |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127917</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....   | <b>225</b> |
| ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i>  |            |
| <a href="#">Ivonete da Silva Santos</a>  |            |
| <a href="#">Maria Helena de Paula</a>  |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127918</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....   | <b>240</b> |
| PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA  |            |
| <a href="#">Magno Santos Batista</a>   |            |
| <b>DOI 10.37572/EdArt_29012127919</b>  |            |



|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....                          | <b>253</b> |
| NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX |            |
| Luma Pinheiro Dias                                |            |
| Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz               |            |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127920                    |            |
| <b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....               | <b>264</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....                     | <b>265</b> |

## CAPÍTULO 13

### LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA

*Data de submissão: 10/10/2020*

*Data de aceite: 24/11/2020*

**Saúl Mauricio Niveyro Linares**

Dirección: Arturo Frondizi 1350,  
Resistencia, Chaco,  
República Argentina.  
Teléfono: +54-0362-4435470  
Correo: mausaulin@gmail.com

**RESUMEN:** El objeto del trabajo consiste en indagar, reflexionar y precisar los supuestos relevantes de la experiencia hermenéutica desde el enfoque filosófico gadameriano. Según su autor, tanto la experiencia del yo-tú, como la hermenéutica, requieren de la conciencia interpretativa. La intencionalidad estará centrada entonces, en ahondar en el sentido de los supuestos señalados como necesarios, tanto para la comprensión de la tradición y de la obra de arte, como para la potencia de las preguntas.

**PALABRAS CLAVE:** Experiencia, enfoque, hermenéutica, arte, acontecimiento.

#### THE SINGULAR ME-YOU RELATIONSHIP AS AN ASSUMPTION OF THE HERMENEUTIC EXPERIENCE

**ABSTRACT:** The aim of this work consists of inquiring, reflecting and specifying the relevant assumptions of the hermeneutic experience from the philosophical gadamerian approach. According to its author, both the me-you relationship and the hermeneutics call for the interpretive awareness. The intentionality will then be centered in delving in the sense of the assumptions indicated as necessary both for the understandment of tradition and artwork, as for the power of the questions.

**KEYWORDS:** experience, approach, hermeneutics, art, event.

El objeto del trabajo consiste en indagar, reflexionar y precisar los supuestos relevantes de la experiencia hermenéutica propuestos por Gadamer.

La temática se enmarca en el II Congreso Internacional de Artes 2018 llevado en Resistencia en la FADyCC, UNNE, cuyo tema inspirador y convocante es la conjunción: límites y fronteras. Las identificaciones de los supuestos relevantes de la experiencia

hermenéutica señalará precisamente, determinados límites del enfoque gadameriano<sup>1</sup> luego de haber indagado y reflexionado sobre las bases sobre en que se erige.

Para comprender el texto (los textos) de Gadamer, sin duda se requiere conocer el horizonte desde donde piensa y exhibe su teoría. Todo horizonte, tal como él lo manifiesta, depende de la situación.<sup>2</sup> Desde luego que no se trata de cualquier horizonte, sino solamente de aquel que se encuentra dentro de la comprensión histórica. Gadamer afirma que la conciencia histórica tiene una pretensión de ver el pasado en su propio ser.<sup>3</sup> Sin dudas, es una empresa, con marcadas pretensiones ontológicas y un fuerte matiz romántico a la vez. Sin embargo, se concuerda con él en que, quien omita la mencionada tarea, está expuesto a una serie de malos-entendidos. Todo lo explicitado obedece al fin de intentar sentar las bases para la comprensión de la singular relación yo-tú, como supuesto de la experiencia hermenéutica.

Posteriormente se indaga sobre los límites de la experiencia hermenéutica gadameriana.

Es, sin embargo, arriesgado para todo aquel investigador que pretenda aportar un grano de arena en el devenir de la tradición hermenéutica, pasar por alto esta revisión, pese a ser una empresa de por sí endeble y dada la situación de la contemporaneidad. Al mismo tiempo, es compleja, perpleja ya que ostenta nuevamente, ser la posibilidad de todas las posibilidades, desplegada en su concepto fácticamente puesto en funcionamiento: el de la globalización. Precisamente la indagación de los supuestos llevará a identificar límites y fronteras del enfoque gadameriano.

El procedimiento que subyace al artículo, involucra el de la pregunta y la respuesta<sup>4</sup>, como así también, la tarea con los conceptos propios de la filosofía.<sup>5</sup> Según su autor, tanto la experiencia del yo-tu, como la experiencia hermenéutica, requieren de la conciencia interpretativa. La intencionalidad estará centrada entonces, en ahondar en el sentido de los supuestos señalados como necesarios para la comprensión de la tradición, de la obra de arte, como para la potencia de las preguntas.

Ante la pregunta acerca de cuál es la lógica interpretativa que se empleará con los escritos de Gadamer, la respuesta es: se empleará la lógica de la pregunta y la respuesta, porque como dice el mismo autor: "... el fenómeno hermenéutico encierra en sí, el carácter original de la conversación y la estructura de pregunta y respuesta."<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Para mayor profundización cf. mi tesis doctoral Niveyro Linares, S.M. (2017). *Los límites de la hermenéutica gadameriana para la comprensión de singulares artefactos artísticos contemporáneos*. (Tesis doctoral), Universidad Nacional del Nordeste, Resistencia, Argentina.

<sup>2</sup> Cf. *Ibíd.*, p. 372.

<sup>3</sup> Cf. *Ibíd.*, p. 373.

<sup>4</sup> *Ibíd.* p.p. 439-458.

<sup>5</sup> Gadamer, H. (2006). *Verdad y Método II*. Salamanca, España: Sígueme, pp.81-93.

<sup>6</sup> GADAMER, H. (2005). *Verdad y Método I*. Salamanca, España: Sígueme, p. 447.

A partir de allí, los objetivos propuestos son: Primero, caracterizar detalladamente el supuesto de la tradición. Segundo, indagar el supuesto del principio de la historia efectual. Tercero, indagar el supuesto de la conciencia interpretativa necesaria para comprender la experiencia hermenéutica. Cuarto, desarrollar la singular relación yo-tú como supuesto de la experiencia hermenéutica. Quinto, realizar una crítica y conclusiones. Estos objetivos también señalan la estructura del artículo.

I. Supuesto de la tradición cabe circunscribirse a dos oposiciones que realiza Gadamer respecto de la razón frente a la tradición ilustrada y frente a la tradición historicista para luego rehabilitar la tradición romántica con modificaciones contemporáneas. En la ilustración, el concepto de tradición se opone al de razón<sup>7</sup>, puesto que su naturaleza es abstracta y revolucionaria<sup>8</sup> y esas cualidades emergen respecto del verticalismo y dogmatismo propio de la tradición proveniente de la Edad Media. Sin embargo, sostiene Gadamer, esa razón sigue siendo pre-juiciosa y su pre-juicio matriz es sentir fe en la razón absoluta, es decir, la convicción de poder desligarse de todo pre-juicio. El procedimiento, si bien sirve para desprenderse del criterio de validación propia la tradición de la Edad Media, se funda en sí mismo como un pre-juicio e inicia en ese momento una tradición, cuyos pre-juicios instituyentes son la posibilidad de pensar a partir de la razón, independientemente del tiempo y del espacio. Es decir, una razón que apela a la trascendentalidad. Gadamer critica a la subjetividad al des-crear de su auto-suficiencia y afirma que los pre-juicios individuales están en la corriente de la vida histórica constituida por pre-juicios operantes antes de que el sujeto naciera y operante en el sujeto viviente, afirmando que ellos constituyen, la realidad histórica de su ser.<sup>9</sup> Esgrimida esta razón, para Gadamer, se hace necesario rehabilitar la tradición y la autoridad propuestas por el Romanticismo. Es aquí que debe tomar su posición respecto de la tradición historicista y sus pretensiones de objetividad. Gadamer critica especialmente el supuesto que opera como punto de partida de la auto-reflexión y de la auto-biografía, propuesta por el historicismo, puesto que estas dos acciones no tienen en cuenta los pre-juicios que le anteceden y afirma que un ser humano no se comprende a partir de sus vivencias, puesto que los pre-juicios son más que sus juicios individuales. Ontológicamente, los ubica en el estrato de la realidad histórica de su ser.<sup>10</sup> A partir de ello, se infiere que no es el ser humano constitutivo de la historia, sino que todo ser humano al nacer, se encuentra en la corriente-vital-de-los-prejuicios-históricos.

---

<sup>7</sup> Cf. *Ibid.*, p. 343.

<sup>8</sup> Cf. *Ibid.*, p. 349.

<sup>9</sup> Cf. *Ibid.*, p. 344.

<sup>10</sup> *Ibid.*

La 'tradicición' significa para Gadamer estar sometido, tanto a pre-juicios que anteceden al nacer el ser humano, como así también a la limitación de la libertad. Ambos rasgos sirven a la conciencia histórica y a la posibilidad del conocimiento histórico.<sup>11</sup> Para Gadamer, dentro de la tradición funciona la razón histórica. En cuanto a su dinámica lo diferencia, tanto del historicismo como de la Ilustración, dado que el primero está asentado en la pretensión de objetividad inherente a su metodología y la segunda, basada en la fe en la razón. Es decir, que a la razón histórica se la comprende dentro de la tradición puesto que "la esencia general de la tradición es que sólo hace posible el conocimiento histórico aquello que se conserva del pasado como lo no pasado".<sup>12</sup>

La 'tradicición' es esencialmente conservación.<sup>13</sup> Lo-no-pasado no sólo permite que la tradición perviva, sino permite el conocimiento histórico. Afirma Gadamer, "la tradición siempre es un momento de la libertad y de la historia."<sup>14</sup> Y consecuentemente, los seres humanos, quienes creen en una tradición, requieren de una frecuencia sostenida en el tiempo de afirmación, sumisión y cultivo.<sup>15</sup> Ese es el modo de 'conservación', ésta "es un acto de la razón, aunque caracterizado por el hecho de no atraer la atención sobre sí."<sup>16</sup> Como bien se sabe, la conservación se opone a la transformación y a la innovación. Sin embargo, Gadamer sostiene, que pese a los cambios revolucionarios, se conserva mucho más de lo que uno podría suponer.<sup>17</sup> Así, la tradición está constituida por momentos de historia y de libertad, es decir, conservación e innovación generando nuevas formas de validez<sup>18</sup> y en consecuencia, nuevas formas de autoridad. Gadamer, al erigirse en oposición a la Ilustración, comienza a concebir a la 'tradicición' como lugar de toda discusión racional y temporal, siendo que la tradición ilustrada se constituía sobre la base de un pre-juicio explicitado en una pretensión exagerada de ser puramente racional y a-temporal. Esta a-temporalidad se inflamaba de suficiente jactancia, como para que los ilustrados fueran depositarios de ese tipo de razón y estar situados por sobre 'la situación', entendiéndola como aquella "...que representa una posición que limita las posibilidades de ver."<sup>19</sup> La razón ilustrada, dado esos supuestos, carecía de situación, lo cual implicaba a su vez la a-posicionalidad que i-limitaba el ver. Así, se proponía como una racionalidad extrema: la de ver todo y por sobre la situación. Además, si se considera al 'horizonte' como "el ámbito de visión que abarca y encierra todo lo que es visible desde un determinado punto."<sup>20</sup> La

<sup>11</sup> Cf. *Ibid.*, p. 343.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 349.

<sup>13</sup> *Ibid.*

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 349.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*, 349.

<sup>17</sup> Cf. *Ibid.*, p. 349.

<sup>18</sup> Cf. *Ibid.*, p. 350.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 372.

<sup>20</sup> *Ibid.*

a-historicidad de la racionalidad ilustrada implicaba la a-posicionalidad y la in-existencia de un determinado punto, es así que Gadamer, ante el extremo del pre-juicio ilustrado, también extrema sus recaudos.

‘La tradición’ es un lugar de discusión racional en donde se requiere de una situación y su consecuente horizonte. Es temporal y en consecuencia, la situación limita las posibilidades de ver, al mismo tiempo que posibilita el horizonte puesto que supone la existencia de un punto, perspectiva desde la cual permita pararse para ver. Hay un punto que no es un punto 0 (cero) o el a-punto, sino que está anclado en la situación que a su vez, se ubica en el devenir del tiempo cualificado y caracterizado por el hombre, especialmente aquel que hace y escribe historia. Entonces, Gadamer sigue sosteniendo la idea y las pretensiones de racionalidad ya no connotadas por cualidades extremas, sino cualificadas desde la moderación, porque sólo en la tradición se trasmite el sentido, que para Gadamer, cuya forma privilegiada de mostrarse, es la escritura. Entonces, la tradición funciona como una condición de posibilidad real para que todo discurso opere. Sin embargo, se observa nuevamente un límite en esta concepción sobre la tradición, porque condiciona al horizonte. Si bien se halla aquí una demarcación, también se señala la posibilidad de percibir en diferentes instancias, sin la ligadura y el reduccionismo a la tradición.

II. Principio de la historia efectual. Según Gadamer, el interés histórico se orienta, tanto a fenómenos como a obras transmitidas y al efecto de los mismos en la historia. Esto, sin duda, supone la condición de que para que haya efectos, debe haber causas que lo provoquen. Una de las exigencias teóricas de la historia-efectual, consiste en que a la hora de extraer, tanto a la tradición como a la obra de los claroscuros inherentes a la tradición y a la historiografía, la conciencia histórica debe tener presente la exigencia del planteamiento histórico-efectual que se dirige a la conciencia metódica de la misma.<sup>21</sup>

Posteriormente, Gadamer afirma que se trata de una exigencia teórica en la que la conciencia histórica debe hacerse consciente de la inmediatez con la que se orienta. En este sentido, no resulta necesario desplegar un planteamiento de la historia efectual equivalente al de la comprensión de la obra.<sup>22</sup> Pero sí reconocer y darse cuenta de que lo subyacente es de modo im-perceptible a la conciencia histórica. Sin embargo, es la operación del planteamiento histórico-efectual, cuyo interés está dirigido no a la investigación, sino a la conciencia metódica de la investigación. Además de darse cuenta del planteamiento subterráneo, la conciencia histórica debe darse cuenta de que “... los resultados de la historia efectual operan en toda comprensión, sea o no consciente de

---

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 370.

<sup>22</sup> *Ibid.*, pp. 370 - 371.



ello.”<sup>23</sup> Los efectos de la historia-efectual determinan a la distancia histórica; a su vez, ésta determina la situación hermenéutica general y así, el fenómeno histórico que se intenta comprender. En ese sentido, puede afirmarse que los efectos de la historia-efectual determinan por adelantado al mismo objetivismo histórico entre los que se encuentra, como uno de los requisitos, la distancia histórica. Y lo hace puesto que determinan, al mismo tiempo, qué es lo problemático y cuál es el objeto de investigación.

III. Supuesto de la conciencia interpretativa. El mismo Gadamer dice, “El pasado propio y extraño al que se vuelve la conciencia histórica, forma parte del horizonte móvil desde el que vive la vida humana y que determina a ésta como su origen y su tradición”<sup>24</sup>, por lo tanto, es una exigencia hermenéutica ineludible. ‘Alcanzar el horizonte’ es ver más allá en el caso que compete a quien escribe, de los prejuicios y patrones contemporáneos, es sin duda un esfuerzo de distanciamiento, digno de ser respetado en un período de plena caída de los fundamentos, pleno descreimiento de los grandes relatos y ante la perplejidad de los vínculos entre seres humanos. La tradición habla desde el horizonte histórico, es decir, desde este modo de racionalidad; si bien se reconoce, que no sólo lo hace a través del texto, sino que también se muestra en obras artísticas, se vive en las costumbres, se siente en el interior del ser humano y se percibe en otros objetos, sean estos artísticos o no, en los movimientos y gestos de los cuerpos de los seres humanos de una región, en las fragancias de las comidas típicas, se la percibe en la arquitectura, en sus esculturas.

Llevar adelante la tarea de la comprensión histórica tiene, según Gadamer, los siguientes requisitos. Primero, comprender en cada caso el horizonte histórico; segundo, representarse así lo que uno quiere comprender en sus verdaderas raíces; y tercero, intentar ponerse en el lugar del otro y de lo otro para poder de este modo, entenderlo. Sin dudas, estas pretensiones fueron formuladas en épocas en donde, a la luz de los escritos históricos, había efectos de una fuerte discusión entre el neo-kantismo y el historicismo, ambos con marcados intereses sobre la fuente y el método del conocimiento objetivo, intencionalidades que en la contemporaneidad, están notablemente difuminadas. Gadamer dice: “Ocurre como en el diálogo que mantenemos con alguien con el único propósito de llegar a conocerle, esto es, de hacernos idea de su posición y horizonte.”<sup>25</sup> Ahora bien, este recaudo requiere de un señalamiento más: si bien se trata de ir hacia el pasado con el fin de reconocer la posición y el horizonte del otro - esto afirma Gadamer - no implica que uno llega a comulgar con el pensamiento del otro. El otro, en este caso Gadamer, se hace comprensible no sólo en sus opiniones, sino en sus mostraciones, en

---

<sup>23</sup> Ibid., p. 371.

<sup>24</sup> Gadamer I, op. cit. p.375.

<sup>25</sup> Cf. Ibid., p. 372.

sus vivencias y en sus sensaciones. Una de las tesis de Gadamer afirma: “La movilidad histórica de la existencia humana estriba precisamente en que no hay una vinculación absoluta a una determinada posición. En este sentido, tampoco hay horizontes realmente cerrados.”<sup>26</sup> Esta tesis, señala que si bien se reconoce moderno apelando a la verdad, a la objetividad, al fundamento y a la idea de alcanzar el horizonte correcto, se da cuenta de que la historicidad hace inviable la posibilidad de cerrar la situación a determinadas posibilidades y reconoce que, en virtud de esta movilidad histórica, tampoco es posible cerrar el ámbito de visión que permite cierta situación, desde determinado punto conferido por el horizonte. Por el contrario, Gadamer afirma que “El horizonte es más bien algo en lo que hacemos nuestro camino y que hace el camino con nosotros. Se desplaza al paso de quien se mueve. También el horizonte del pasado, del que vive toda vida humana, está ahí, bajo la forma de la tradición y se encuentra en un perpetuo movimiento.”<sup>27</sup> El recorrido que se muestra posteriormente, es precisamente, ese intento de desplazarse al horizonte del pasado, bajo la forma de tradición. Sin duda, se reconoce la transitoriedad de la forma presentada puesto que el horizonte histórico -aceptando curiosamente los pre-judicios que podrían suscitarse- se encuentra en perpetuo movimiento. Ante esto, Gadamer sostiene que “No es la conciencia histórica la que pone en movimiento al horizonte limitador; sino que en la conciencia histórica este movimiento se hace consciente de sí mismo.”<sup>28</sup> La ‘conciencia histórica’ es aquella instancia dentro de la tradición que toma conciencia de la movilidad del horizonte y de la ampliación de las posibilidades de la situación. Desde luego que para esa toma de conciencia hace falta una conciencia de la conciencia histórica, con el objeto de reconocer que en esto de retrotraerse al pasado hay elementos de ficción, en donde interviene el fingir<sup>29</sup> y donde interviene el ‘simulacro’ de ir hacia un pasado que en realidad ya no está, se simula que el pasado está cuando en realidad es inasequible y sólo se puede comprender en la medida que la tradición muestre aquello que puede conservarse del mismísimo pasado y que no lo muestra allí, sino en el mismísimo presente. Desde luego, que toda realidad está antecedida por la interpretación.

Esto, sin duda, propone dos problemas metodológicos, a saber: ¿cómo acceder al hecho cuando sólo hay interpretaciones? Y, ¿cómo acceder al pasado cuando ya no está? El pasado se muestra desde el mismo presente y no se piensa como Gádamer, no se muestra solamente desde el texto, sino también a través de la arquitectura, la pintura, los artefactos de uso cotidiano, el arte funerario, indumentarias, hábitos, costumbres, la percepción de las fragancias, de los olores, los gestos corporales, las

---

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 374.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 375.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 375.

<sup>29</sup> Cf. el concepto en BRAUDILLAR J. (2007). *Cultura y simulacro*. Barcelona, España: Kairós, p. 12.

afecciones explicitadas, por nombrar algunas modalidades de mostración de la tradición. El señalamiento de las diferentes manifestaciones en la tradición, para nada desacredita el quehacer de los hombres que hacen historia, sólo es un señalamiento en épocas posteriores al período en donde lo corrosivo del devenir consumió la adherencia, por parte de los seres humanos a los conceptos de verdad, objetividad, fundamento y realidad, sostenida en todo el periodo moderno. Pensar lo contemporáneo desde la mismísima contemporaneidad y atreverse a revisar sobre la base de algunos criterios relevantes el pasado, como lo explicita Gadamer, es una tarea cuyo valor radica en que "...comprender una tradición, requiere sin duda un horizonte histórico."

El problema de investigar los supuestos de la experiencia hermenéutica requiere teorizar sobre la historicidad de la comprensión como principio hermenéutico fundamental<sup>30</sup>, es por esa razón que Gadamer conceptualiza la depreciación de los prejuicios de la Ilustración<sup>31</sup> con el objeto de rehabilitar las nociones de autoridad y tradición como pre-juicios que condicionan la comprensión. La 'conciencia de la historia efectual' es conciencia de la situación hermenéutica. Y lo característico de esta situación es que quien interpreta no se encuentra frente a ella. Sobre la base de estos tres supuestos se está en condiciones de comprender la experiencia hermenéutica.

IV. La experiencia hermenéutica. Primera tesis de Gadamer. "La dialéctica de la experiencia tiene su propia consumación no en un saber concluyente, sino en esa apertura que es puesta en funcionamiento por la experiencia misma"<sup>32</sup>

La persona experimentada lo es en virtud de que ha pasado por vivencias y gracias a ello está abierta a nuevas posibilidades. La consumación de la experiencia no está en una persona que lo sabe todo y lo sabe mejor que todos<sup>33</sup>, sino que el ser humano que ha hecho experiencias es alguien no dogmático, que abre ese aprendizaje y lo capacita para nuevas experiencias. "La verdad de la experiencia contiene siempre la referencia a nuevas experiencias."<sup>34</sup> No hay experiencia absoluta y no hay saber absoluto.

Segunda tesis de Gadamer "Toda experiencia que merezca este nombre se ha cruzado en el camino de alguna expectativa. El ser histórico del hombre contiene así como momento esencial, una negatividad fundamental que aparece en esta referencia esencial de la experiencia y el buen juicio."<sup>35</sup>

Gadamer afirma que las experiencias defraudan a las expectativas y en ese sentido sólo las percibe como dolorosas y el sólo modo de adquirirlas es precisamente

<sup>30</sup> Cf. especialmente Gadamer I, Fundamentos para una teoría de la experiencia hermenéutica, pp. 331- 377.

<sup>31</sup> Cf. Gadamer I, pp. 338-344.

<sup>32</sup> Gadamer I, p. 432.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 431.

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 432.

a través de las decepciones,<sup>36</sup> y es por esa razón que pone como momento esencial esta negatividad fundamental refiriéndose a la experiencia en su conjunto. Esta es la experiencia que constantemente tiene que ser adquirida y que a nadie le puede ser ahorrada. Es aquí algo que forma parte de la esencia histórica del hombre”.<sup>37</sup>

La tercera tesis de Gadamer afirma: “La verdadera experiencia es aquélla en la que el hombre se hace consciente de su finitud. En ella encuentran su límite, el poder hacer y la autoconciencia de una razón planificadora.”<sup>38</sup>

Gadamer adhiere a la concepción de que se hace experiencia por el padecimiento, por el dolor, es de este modo que el ser humano se hace sabio y en virtud del daño, el dolor, la decepción se llega a conocer las cosas. Siguiendo esta interpretación, el modo de aprender propuesto es el de la percepción de los límites del ser hombre y señala que se trata de una barrera infranqueable en la que no se puede superar aquello que nos separa de lo divino. El hombre experimentado reconoce el valor de verdad de la experiencia: es consciente de la finitud humana y este valor de verdad implica que se da cuenta de que no es señor del tiempo ni del futuro, conoce los límites de la pre-visión y conoce los límites de la inseguridad de todo plan.

Se señalan a continuación determinados resultados de la experiencia. Primero, no tiene su fin, puesto que toda experiencia tiene referencia a otra; no se puede acceder a una forma suprema de saber aunque sí se adquiere un saber humano; la experiencia auténtica ayuda a conocer lo que es, pero también ayuda a conocer lo infranqueable, lo inaccesible, lo impracticable. El ser humano al reconocer su finitud accede a la experiencia de su propia historicidad<sup>39</sup> y esta toma de conciencia le permite acceder a la experiencia auténtica.

Segundo resultado de la experiencia es que no hay retorno, no hay ciclicidad, por lo tanto, si la experiencia no vuelve, no se la puede repetir. Nada retorna y siempre se vive lo nuevo.<sup>40</sup>

Tercer resultado. ‘Conocer lo que hay’ significa para Gadamer “...percibir los límites dentro de los cuales hay todavía posibilidad de futuro para las expectativas y los planes; o más fundamentalmente, que toda expectativa y toda planificación de los seres finitos es a su vez, finita y limitada.”<sup>41</sup>

V. Experiencia de yo-tú. Gadamer afirma que la verdadera experiencia es la de la propia historicidad. Y una auténtica forma, como lo es la conciencia de la historia efectual,

---

<sup>36</sup> Cf. *ibid.*

<sup>37</sup> *Ibid.*

<sup>38</sup> Gadamer I, p. 433.

<sup>39</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>40</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>41</sup> Gadamer I, p. 434.

debe reflejar su estructura general, por esa razón, es necesario buscar en la experiencia hermenéutica los modos dados por la estructura general, en tanto reflejo.<sup>42</sup> Además agrega, que el objeto mismo de la experiencia tiene el mismo carácter de persona, por lo tanto, es un fenómeno moral y también lo es el saber adquirido en esta experiencia que es la comprensión del otro.<sup>43</sup> En consecuencia, se describirán los modos de experimentar el tú y su correlación con los de la experiencia hermenéutica.

Primer modo de experimentar y comprender el tú. Gadamer parte de que se puede conocer al otro como cualquier proceso característico de la experiencia. Este conocimiento de gentes dice, parte de la observación a otros seres humanos con el fin de detectar elementos típicos. El resultado de esta experiencia es la adquisición de una capacidad de pre-visión sobre el otro, en virtud de las regularidades encontradas. Dado que la experiencia del tú es un fenómeno moral, Gadamer adhiriendo a Kant, coincide en que el otro debe ser considerado un fin en sí mismo y jamás debe ser utilizado como medio para lograr nuestros fines, es decir: opta por un saber moral que es en sí valioso.<sup>44</sup>

Primer modo de la experiencia hermenéutica. La correlación que se presenta en esta primera instancia es la siguiente: el método de las ciencias del espíritu era un cliché de la metodología de las ciencias naturales. Éstas y también aquellas, tenían fe ingenua en el método, la objetividad y la verdad. Es así como las ciencias del espíritu comprenden a la tradición como un objeto al que pueden acceder sin afecciones y pueden adquirir los contenidos del mismo, prescindiendo de los momentos subjetivos. A partir de allí, y dada esas ingenuidades, pueden reconocer lo típico y regular que se presenta en la tradición e inducir de lo observado, una regla general. De esta manera, la experiencia hermenéutica está hecha a imagen y semejanza de la versión metodológica de las ciencias naturales.<sup>45</sup>

Segundo modo de experimentar y comprender el tú. Dice Gadamer: “Una manera distinta de experimentar y comprender al tú consiste en que éste es reconocido como persona, pero que a pesar de incluirla en la experiencia del tú, la comprensión de éste sigue siendo un modo de referencia a sí mismo.”<sup>46</sup>

Las características que propone son primero, toda relación entre el yo y el tú es aparente, puesto que, si el tú es reconocido como persona, no puede más que hacerlo desde un yo. En ese sentido puede afirmarse que no es una relación inmediata, sino que está mediatizada por la reflexión. El yo pretende conocer al tú en sus pretensiones y es allí cuando el tú no puede conocer directamente al yo, puesto que pierde la inmediatez

<sup>42</sup> Ibid., p. 434.

<sup>43</sup> Ibid.

<sup>44</sup> Cf. Cortina, A. (1996). *El quehacer ético. Guía para la educación moral*. Madrid, España: Aula XXI Santillana, p.p. 26-27.

<sup>45</sup> Ibid., p. 435.

<sup>46</sup> Ibid.

por las pretensiones del yo. Si se entiende a la 'conciencia' como el darse cuenta de, y a la 'reflexión' como "... *una intentio obliqua*, un acto por el que el sujeto se convierte en objeto de sí mismo..."<sup>47</sup>, entonces ambos se comprenden el uno al otro desde lo anticipado y aprendido, inherentes a la posición y conciencia de cada cual. Segundo, la base de la historicidad de las relaciones vitales consiste en la lucha por el reconocimiento mutuo.<sup>48</sup>

Tercero, Gadamer dice: "...la autoconciencia consiste justamente en sustraerse a la dialéctica de la reciprocidad, salirse reflexivamente de esta relación con el otro y hacerse así inasequible para él."<sup>49</sup> Luego aclara, si el yo se sale de este modo, altera y destruye la vincularidad moral con el tú.<sup>50</sup>

Segundo modo de la experiencia hermenéutica. Primero. En la analogía entre la experiencia del yo-tú y la experiencia hermenéutica, el tú corresponde a la 'conciencia histórica'. Esta tiene información de la alteridad del pasado y de la alteridad del otro. No busca regularidades como lo hace la ciencia, muy por el contrario, busca un algo que se presente como históricamente único. Segundo. En la base de la experiencia hermenéutica está la propia historicidad y la comprensión de que la tradición, lejos de limitar el conocimiento, lo posibilita,<sup>51</sup> por ello la necesidad de mantenerse en una relación vital con ella. Tercero. Ahora bien, quien pretende sustraerse del condicionamiento de los pre-juicios, cae en la apariencia dialéctica, porque en realidad no está pretendiendo tener información de la alteridad del otro y del pasado, sino que está buscando convertirse en señor de la historia, se está buscando un saber absoluto<sup>52</sup> no afectado por las coordenadas espacio temporales. Y la tesis de Gadamer dice: "... el que sale reflexivamente de la relación vital con la tradición, destruye el sentido de ésta."<sup>53</sup> Este fue el caso de la Ilustración que fundó la objetividad de su procedimiento en la seguridad basada en la supuesta falta de pre-juicios.

Tercer modo de experimentar y comprender el tú. Quien experimente realmente al tú como tú, requiere conocer sus pretensiones y reconocerlo al dejarse decir algo por él. El tipo de apertura hacia el otro consiste precisamente en "...estar dispuesto a dejar valer en mí algo contra de mí, aunque no haya ningún otro que lo vaya a hacer valer contra mí."<sup>54</sup>

Tercer modo de la experiencia hermenéutica. Quien experimente realmente la tradición en tanto tradición, requiere conocer sus pretensiones y reconocerla al dejarme decir algo por ella. El tipo de apertura que se solicita, consistirá en reconocer que tiene

<sup>47</sup> Maliandi, R. (2004). *Ética: conceptos y problemas*. Buenos Aires, Argentina: Biblos, p. 45.

<sup>48</sup> Cf. Gadamer I, p. 436.

<sup>49</sup> Ibid.

<sup>50</sup> Cf. Ibid., p. 437.

<sup>51</sup> Cf. Ibid.

<sup>52</sup> Cf. Ibid.

<sup>53</sup> Ibid., p. 437.

<sup>54</sup> Ibid., p. 438.



algo que decir, percibir la pretensión de verdad que emerge desde ella. “La conciencia hermenéutica tiene su consumación, no en la certidumbre metodológica sobre sí misma, sino en la apertura a la experiencia que caracteriza al hombre experimentado frente al dogmático.”<sup>55</sup>

Para cerrar, se requiere hacer algunas críticas y meta-críticas a la concepción gadameriana de experiencia.

Crítica al supuesto central de la experiencia hermenéutica. Se hace esta crítica reconociendo primero que Gadamer, al hacer corresponder la experiencia del yo-tú con la experiencia hermenéutica, desde luego no comprende la fragilidad y lo fragilizado de esta relación en los finales del siglo XX, comienzos del siglo XXI. Reconociendo que se realiza una crítica focalizada, en donde las afirmaciones dogmáticas no deberían tener lugar y si lo tuvieran, se estaría cayendo en los errores que ya se cometieron en la edad media, en la edad moderna y en el mismo Gadamer, quien criticando, comete el error de convertirse en aquello que se critica, entonces es necesario adosar una ‘instancia meta-crítica’, que consiste en que aquel que esté criticando, critique incluso a la crítica. Desde allí, la adhesión de comprender a las afirmaciones con carácter transitorio, sólo se está hablando desde las fronteras y límites de finales del siglo XX, comienzos del siglo XXI y desde ese periodo histórico, se aborda un pasado cuyas características son de naturaleza epocal diferente.

Crítica al segundo modo de la experiencia del tú. Dice Gadamer que el tú es reconocido como persona y siempre tiene referencia a un ‘yo’, entendido éste como sí mismo. En esta relación explicitada de este modo, pueden discernirse básicamente dos dimensiones: una de orden moral y otra de orden antropológico. Sigue agregando Gadamer, respecto de la experiencia yo-tú, que en ella se dan pretensiones y contra-pretensiones en donde el ‘yo’ “...mantiene la del conocer por sí mismo la pretensión del otro e incluso, conocerla mejor que él mismo.”<sup>56</sup> Y es en el paso por el yo, en el que la contra-pretensión del ‘tú’ “...pierde la inmediatez con que orienta sus pretensiones hacia uno.”<sup>57</sup> En esta ida y vuelta de pretensiones y contra-pretensiones, en esta historicidad, Gadamer dice que los seres humanos buscan el reconocimiento del otro.

En el orden antropológico, el límite se percibe a la luz del supuesto que Gadamer deja traslucir en el fondo de esta concepción: su adhesión a la correspondencia plena entre el yo y el tú, erigiéndolo también como modelo propio del formato tradicional de la cultura occidental. Cabe además señalar, el aspecto de que si el otro (el tú) no reconoce al yo, el yo no existe.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 438 - 439.

<sup>56</sup> Gadamer I, *op. cit.*, p. 436.

<sup>57</sup> *Ibid.*

Crítica al tercer modo de la experiencia del tú. Dice Gadamer que lo que importa es experimentar al tú como realmente tú, es decir, verlo en sus propias pretensiones y aprender a escuchar, es decir, dejarlo hablar si tiene algo por decir.<sup>58</sup> Agrega que si no hay apertura, no hay vínculo. Entiéndase por ‘apertura’ aquella que está dirigida hacia el otro, pero además, uno está abierto fundamentalmente cuando se hace decir algo por el otro y ese decir que valga en mí.

Quien escribe este artículo, comprende que para hacer valer algo del otro en contra de mí, en principio debo al menos intentarlo, en la época de la incertidumbre y de la perplejidad, percibir si el otro es coherente, entre lo que dice y hace, siendo que incluso coherencia y seguridad son resabios de una modernidad ultra-tardía, ultra-desgastada. Asistimos, respecto de la modernidad, a una sutil fragancia que inspira el melancólico recuerdo del funeral del proyecto moderno. Se asiste a la decadencia de la decadencia, en donde no se puede decir que los principios morales no están, pues éstos son enunciados y como tales sí están. El problema es que el otro no merece la ciega confianza que tanto defendió la modernidad, se dice que el otro y el yo, pueden en su no decir, en su silencio, estar mostrando un síntoma que esconde una doble moral, que lo hubo notablemente en la modernidad. Por ello mismo, su fracaso y los efectos de la misma. Esa doble moral muestra una amenaza, por lo tanto la apertura al otro, no es la idílica entrega proferida y practicada por el romántico, ni por el racional o empirista moderno; el otro merece mi respeto; pero la amenaza subyace transida, al mismo tiempo, por la incertidumbre de la contemporaneidad.

El descreimiento hacia la moral se agudiza y consecuentemente sobreviene la lícita regla de sospecha ante cualquier otro, ante cualquier yo. Pues el otro, el yo pueden persuadir con sus palabras, encantar con sus caricias. Todas ellas se convierten en caretas cuando uno puede discernir en lo íntimo y descubrir allí, que lo dicho, las caricias, fueron tan sólo instrumentos del engaño y que las promesas fueron falsas ofertas. El resultado es el desencantamiento del otro y del yo y la caída estrepitosa de las caretas que encubrían el movimiento de un deseo que no tiene palabras. En la época de la incertidumbre, el ser humano se puede refugiar en el silencio, en la no palabra, en el arte como el artefacto que es plena mostración de movimiento, o al menos una insinuación muy inspiradora y relevante.

## REFERENCIAS

Braudillar, J. (2007). **Cultura y simulacro**. Barcelona, España: Kairós.

---

<sup>58</sup> Cf. *Ibid.*, p. 438.

Cortina, A. (1996). ***El quehacer ético. Guía para la educación moral.*** Madrid, España: Aula XXI Santillana.

Gadamer, H. (2005). ***Verdad y Método I.*** Salamanca, España: Sígueme.

Gadamer, H. (2006). ***Verdad y Método II.*** Salamanca, España: Sígueme.

Maliandi, R. (2004). ***Ética: conceptos y problemas.*** Buenos Aires, Argentina: Biblos.

Niveyro Linares, S.M. (2017). ***Los límites de la hermenéutica gadameriana para la comprensión de singulares artefactos artísticos contemporáneos.*** (Tesis doctoral), Universidad Nacional del Nordeste, Resistencia, Argentina.

## SOBRE AS ORGANIZADORAS

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,  
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252  
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262  
Avaliação 1, 2, 3, 11

### B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

### C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136  
Classificação e construção 96  
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91  
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200  
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237  
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,  
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,  
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

### D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218  
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

### E

Educação feminina 253, 258  
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173  
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222  
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,  
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,  
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255  
Escrita feminina 112, 253  
Estesiológica 25, 28, 36  
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243  
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

## F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

## G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

## H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

## I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

## L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251



## M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

## N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

## P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

## R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

## S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

## T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA  
ARTEMIS**